



<https://doi.org/10.59776/2357-8203.2026.7471>

**AS DISPUTAS DISCURSIVAS EM TORNO DO 8 DE MARÇO: AS
TRANSGENERIDADES E O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NO
CONGRESSO NACIONAL BRASILEIRO**

**DISCURSIVE DISPUTES AROUND MARCH 8: TRANSGENDER AND
RELIGIOUS FUNDAMENTALISM IN THE BRAZILIAN NATIONAL CONGRESS**

Lorena de Miranda Ferreira¹

Benjamim Lopes Duarte²

Levir Ezequias Neres de Melo³

Marcos Paulo de Azevedo⁴

<https://orcid.org/0000-0003-2194-5751>

RESUMO: Este artigo analisa os discursos proferidos pelo deputado federal Nikollas Ferreira e pela deputada Érika Hilton no dia 8 de março de 2023, Dia da Mulher. Levando em consideração que em 2022, pela primeira vez, duas mulheres trans foram eleitas para ocuparem vagas no Congresso Nacional, houve, com a eleição delas, a promoção de discursos políticos de confronto aos valores cisheteronormativos e discussões sobre as questões de gênero e sexualidade, seja a partir de suas atuações, seja a partir dos discursos excludentes promovidos por outros deputados, que as deslegitimam e desvirtuam suas vivências. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar as posições discursivas antagônicas assumidas pelo conservadorismo e pelas transgeneridades na Câmara e nas redes sociais no que diz respeito à identidade "mulher". Para alcançar isso, utilizou-se o método da análise do discurso sob a perspectiva da discursividade e biopoder de Foucault (2008), gênero, sexualidades e transgeneridades por Butler (2002, 2018 e 2021) e os transfeminismos de Nascimento (2021). Sob essas perspectivas, o corpus analisado

¹ Graduanda do Curso de Letras com habilitação em Português e suas Respectivas Literaturas (UERN). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5701900246490160>. E-mail: lorena20240009910@alu.uern.br

² Graduando do Curso de Ciências Sociais e Políticas (UERN). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8043696720287039>. E-mail: benjamimduarte012@gmail.com

³ Graduando do Curso de Letras com habilitação em Português e suas Respectivas Literaturas (UERN). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4190495749498919>. E-mail: levirmelo@icloud.com

⁴ Professor Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2905647066204852>. E-mail: marcospaulo@uern.br

foram os discursos proferidos por Nikollas Ferreira, na Câmara dos Deputados, no Dia da Mulher de 2022, e por Érika Hilton, especialmente, em um vídeo, postado na mesma data em suas redes sociais. A partir disso, conclui-se que os corpos são, sobretudo, discursivamente construídos, visto que as duas deputadas têm sua subjetivação como mulheres e, conseqüentemente, representam uma ruptura de gênero frente ao ideário religioso essencialista. Desse modo, as comemorações do Dia Internacional da Mulher no Congresso Nacional exemplificam os diferentes mecanismos de controle que desembocam em violências de gênero, voltadas, sobretudo, para discursos que questionam institucionalmente o “ser mulher”.

Palavras-chave: Discursos. Subjetividade. Transexualidade.

ABSTRACT: This article analyzes the speeches given by Federal Deputy Nikollas Ferreira and Deputy Érika Hilton on March 8, 2023, Women's Day. Considering that in 2022, for the first time, two trans women were elected to the National Congress, their election promoted political discourses that confronted cisheteronormative values and discussions on gender and sexuality issues, both through their actions and through the exclusionary discourses promoted by other representatives, which delegitimized them and distorted their experiences. In this sense, this work aims to analyze the antagonistic discursive positions assumed by conservatism and transgender people in the Chamber and on social media regarding the identity of “woman”. To achieve this, the method of discourse analysis was used from the perspective of Foucault's discursivity and biopower (2008), gender, sexualities and transgender people by Butler (2002, 2018 and 2021) and Nascimento's transfeminisms (2021). From these perspectives, the corpus analyzed consisted of speeches given by Nikollas Ferreira in the Chamber of Deputies on Women's Day 2022, and by Érika Hilton, specifically in a video posted on social media on the same date. From this, it can be concluded that bodies are, above all, discursively constructed, given that both representatives are subjectivized as women and, consequently, represent a gender disruption in the face of essentialist religious ideology. Thus, the celebrations of International Women's Day in the National Congress exemplify the different control mechanisms that lead to gender-based violence, focused, above all, on discourses that institutionally question “being a woman”.

Keywords: Discourses; Subjectivity; Transsexuality.

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2022 foi histórico para a comunidade LGBTQIAPN+: pela primeira vez no país, foram eleitas duas mulheres trans⁵ e travestis para ocupar cadeiras na Câmara dos Deputados Federal, Duda Salabert (Partido Democrático Trabalhista) e Érika Hilton (Partido Socialismo e Liberdade), por Minas Gerais e São Paulo, respectivamente. A posse de ambas, para além do acesso de pessoas LGBTQIAPN+

⁵ O termo “trans” recebe asterisco para demarcar que a palavra incorpora para si a ideia de identidades não cisgêneras, contemplando transexuais, travestis, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias.

aos espaços de poder institucional, representa a disrupção de gênero às normas cisheteronormativas estabelecidas discursivamente e fortalecidas pelas tecnologias de poder hegemônicas do Estado.

Os dados do Tribunal Superior Eleitoral permitem verificar que Duda Salabert, em 2020, foi a primeira vereadora trans do legislativo em Belo Horizonte (MG) e, em 2022, a deputada federal mais bem votada do estado. No mesmo compasso, Érika Hilton também foi a primeira mulher trans eleita para a Câmara Municipal paulistana e a primeira deputada trans do estado de São Paulo. Sob essa perspectiva, é possível visualizar uma mudança no cenário eleitoral e legislativo nacional - que carrega, consigo, o descortinamento de existências, fazeres e corporalidades transgressoras que desafiam a estrutura binária da discursividade cisheteronormativa e fundamentalista.

Tal discursividade deve ser empreendida enquanto, paralelamente, agente e agenciada por instrumentos do biopoder que agem sobre esses corpos - estes, por sua vez, são construídos como espaços de poder, materializados a partir da vigilância exercida sobre tais corpos desviantes ou a partir da resistência construídas frente às normas sociais (Foucault, 2005). Assim, a eleição de duas deputadas trans ao Congresso Nacional, ao passo que fortalece discursos de disrupção à norma, suscita discursos de controle - no que se refere ao gênero, fundamentados, sobretudo, em essencialismos biológicos⁶.

Para compreender o local de produção discursiva dissidente de Duda e Érika, o artigo resgata a concepção de gênero/sexo por Butler (2018), e dialoga com o transfeminismo e as reflexões das experiências de mulheridades e feminilidades de Nascimento (2022), sob as lentes das discursividades e do biopoder de Foucault (1985, 1988, 1996, 1998), sobretudo no fazer-dizer institucional - em que o presente artigo propõe a debruçar.

Para análise, será resgatado o episódio ocorrido em 2023, nas comemorações da efeméride de Dia Internacional da Mulher da Câmara dos Deputados, em que o deputado Nikolas Ferreira (Partido Liberal) veste uma peruca e enuncia, na tribuna, “*ser uma mulher, deputada Nicole*”, evidenciando uma disputa discursiva do direito ao “*ser mulher*”. A análise do discurso do parlamentar se dará conforme a perspectiva foucaultiana de poder e das formações discursivas antagônicas contrapostas no legislativo - uma, transfeminista, e outra, fundamentalista -, e o processo de subjetivação das corporalidades dissidentes.

Na ocasião, o excerto da enunciação - assim como a imagem visual - serão utilizadas para a análise do discurso proferido ali e as respostas institucionais das deputadas Érika e Duda - que têm evidenciado o ataque às suas performatividades e existências. Aqui, opera a análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente artigo tece, a partir das intersecções de gênero, discurso e poder, uma análise que é fundamentada nas concepções foucaultianas de discurso, as quais o compreendem não somente como a linguagem falada ou escrita, como

⁶ Essencialismo biológico, a partir das teorias feministas, é compreendido enquanto a existência de uma essência construída a partir de características intrínsecas e fixas, determinadas por uma biologia estática, e que essas características definem os papéis e comportamentos de um determinado gênero/sexo na sociedade.

também um sistema de práticas que determina a realidade, o conhecimento e o poder. E é sob essa perspectiva que se tem certos enunciados validados como verdadeiros e aceitáveis, enquanto outros são excluídos ou marginalizados - o discurso, portanto, não é neutro, mas expõe consigo relações de poder que determinam quem pode falar, o que pode ser dito e como isso é entendido.

Ainda sob um viés foucaultiano, o poder é outra lacuna tratada na análise, e corresponde a algo que não se pode possuir, mas sim uma relação de forças que se exerce em todos os níveis da sociedade e em todos os locais. Enfatiza-se que o poder não é uma entidade única e centralizada, e sim uma teia de relações que se manifesta de diferentes formas e locais, inclusive através do discurso, mediante as chamadas “tecnologias” - técnicas e estratégias que desenham a conduta humana e as relações de poder. Para Foucault (1996), existem três formas de poder: poder soberano, poder disciplinar e biopoder - este último, trabalhado na presente análise.

O biopoder, por sua vez, refere-se a uma forma de poder que se exerce sobre a vida, nos níveis individual e populacional, buscando otimizar e gerir a vida, a partir de mecanismos de controle e regulamentação para otimizar a saúde, a reprodução e a produtividade de uma população. Mecanismos esses que podem ser materializados pelo discurso, que imprime consigo as relações de poder. Nesse aspecto, a resistência aqui se insere não enquanto força oposta ao poder, e sim uma potência que emerge dentro e a partir das relações de poder. Essas tecnologias de resistência, assim, se inserem como reação às tecnologias de opressão exercidas por alguém sobre alguém.

Nesse compasso, o olhar foucaultiano sobre a subjetivação dá-se mediante a análise dos processos pelos quais os indivíduos se constituem como sujeitos, pela reprodução de práticas e relações que moldam sua identidade e comportamento no aspecto individual, mas sobretudo social. Esses processos são construídos historicamente e socialmente, através de relações de poder e conhecimento, que corresponde a um processo contínuo e dinâmico, influenciado por fatores sociais, culturais, históricos e individuais que desbancam o ideário de que existe uma essência intrínseca do sujeito. Dessa forma, os processos de subjetivação são compreendidos como espaços de produção e reprodução de subjetividades, em que o sujeito pode atuar e transformar a si mesmo e ao seu entorno.

É válido ressaltar que o sujeito é efeito de um poder que disciplina o comportamento e o tempo, delimitando aquilo que deve ser portado por cada sujeito. As normativas, dessa maneira, pretendem formar um sujeito dócil e útil, que responde com o que lhe é esperado. No entanto, a subjetividade não é apenas passiva, é também uma atividade de fazer e reagir, em um contínuo devir.

Nesse sentido, *Microfísica do poder* (1996) e *A ordem do discurso* (1996) norteiam as discussões tratadas aqui, de modo a responder às lacunas de discurso, poder, resistências e subjetivação que os corpos dissidentes sofrem e atuam.

No que diz respeito às questões de gênero de viés butleriano, a construção social e cultural, expressada mediante a performatividade, coagula o signo gênero, deslocando-o da compreensão que o coloca como uma essência fixa, fundamentada em uma estrutura estável e inata. Butler (2002) argumenta que não existe separação do que é sexo e do que é gênero, o que traduziriam a mesma coisa e que são feitos, continuamente, mediante atos, gestos e comportamentos, assim, tal repetição, embora pareça natural, reproduz a ilusão de um gênero/sexo estável e coerente. Ainda assim, embora o gênero/sexo seja performativo, este não significa que os indivíduos escolham conscientemente cada aspecto de seu gênero, de modo que as performances de gênero são influenciadas por normativas sociais, culturais e

históricas, e as pessoas são engendradas por essas normas desde o nascedouro. É evidente, também, que a performatividade é uma produção contínua de significado, que pode ser subversiva (desafiando as tecnologias de poder cisheteronormativas) ou reafirmadora das normas hegemônicas de gênero.

No mesmo viés, é possível resgatar o que Foucault (1985, 1988, 1998) delimita enquanto sexualidade para compreender o contexto do artigo no que diz respeito ao gênero, visto que gênero e sexualidade são categorias entrelaçadas na existência dos corpos dissidentes. O filósofo enfatiza que a sexualidade é um construto social e histórico, atravessado por discursos e práticas de poder, sendo produzida e regulada por meio de discursos científicos, médicos e religiosos que a definem e a classificam, assim, interseccionando as questões de gênero/sexo e sexualidade ao poder e ao discurso.

Ainda, Foucault introduz o conceito de "dispositivo de sexualidade", que se refere a um conjunto de discursos, instituições e práticas que moldam a forma como a sexualidade é entendida e vivenciada por diferentes indivíduos e grupos socialmente. Esses dispositivos, dessa maneira, podem reprimir, também produz e organiza a sexualidade, direcionando o desejo e o comportamento sexual. Mesmo que não assimilando gênero e sexo como Butler (2002) o faz, o Foucault também perpassa as questões de gênero ao elucidar como as relações de poder se manifestam na construção social dos papéis atribuídos à masculinidade e à feminilidade.

O artigo, ao elaborar a desconstrução do essencialismo de gênero, faz-se preciso retomar as teorias feministas que constituem os questionamentos sobre o "ser mulher". Nesse compasso, o feminismo negro e das interseccionalidades entra como um arcabouço necessário para se pensar a diversidade histórica, política e social que o signo mulher coagula, desvirtuando da mentalidade essencialista de que um indivíduo nasce mulher. É a partir desse pressuposto que o transfeminismo, uma vertente do feminismo, pauta incluir, valorizar e reivindicar as experiências e as lutas das pessoas trans, travestis e não-binárias, de forma mais inclusiva e interseccional, reconhecendo que diversas identidades de gênero e experiências de feminilidade existem e devem ser reconhecidas dentro do feminismo.

Nascimento (2021), ao elaborar o *Transfeminismo*, critica a ideia de que o gênero tem sido, historicamente, determinado a partir do binômio vagina-mulher e pênis-homem, limitando os aspectos atravessados pela diversidade de existências para além dessa normatividade, uma vez que a autora compreende o gênero - assim como as mulheridades⁷ - enquanto uma construção histórico-social-cultural.

Sob essa conjuntura, o artigo trabalha também o termo lugar de fala, que consiste na concepção de que todos os indivíduos estão inseridos em diferentes locus discursivos e podem expressá-lo como desejar, ainda que ocupem uma posição confortável de poder-saber. Mesmo sob essa compreensão, Ribeiro (2017) resgata a necessidade de se pautar, também, os discursos e as experiências marginalizadas no campo do poder-saber hegemônico, visto que partem de uma corporeidade discursiva dissidente, e por isso, foram historicamente silenciadas.

Nesse sentido, o percurso teórico encampado no presente artigo dialoga, sobretudo, com as dissidências de gênero e a discursividade que atravessa e produz esses corpos, em um tensionamento que diz respeito também ao poder. Assim, a discursividade travada na Câmara sobre o dia das mulheres encena a materialidade

⁷ O conceito reconhece que a experiência de ser mulher não é homogênea, mas sim um espectro de vivências, identidades e expressões de gênero e de feminilidade que são atravessados por aspectos raciais, de classe e de sexualidade, que diversificam ainda mais o "ser mulher".

disputada para além do poder legislativo - coagula em si as agências do biopoder e seus dispositivos, os discursos médicos e essencialistas, e a fragilidade dos binômios mulher-vagina-feminino e homem-pênis-masculino.

3 TRANSFOBIA NA CÂMARA DOS DEPUTADOS: A DISCURSIVIDADE COMO PRÁTICA

Transcrição do discurso no plenário do deputado Nikolas Ferreira (2023):

A esquerda disse que eu não poderia falar porque eu não estava no meu **lugar de fala**. Então eu solucionei esse problema aqui [segura a peruca loira e a veste]. **Hoje, eu me sinto mulher, Deputada Nicole**. E eu tenho algo muito interessante aqui para poder falar. **As mulheres estão perdendo seu espaço para homens que se sentem mulheres. E, para vocês terem ideia do perigo de tudo isso**. Você podem perguntar: “Qual o perigo disso, Deputada Nicole?” Eu respondo, sabe por quê? Porque **eles estão querendo colocar uma imposição de uma realidade que não é a realidade**. Eu, por exemplo, **posso ir pra cadeia, deputado, caso eu seja condenado por transfobia. E por quê? Por que eu xinguei? Por que eu pedi pra matar? Não. Porque no Dia Internacional das Mulheres, há dois anos, eu parabeneizei as mulheres XX** [relativo ao par cromossômico], [grifo nosso].

Figura 1 – Deputado Nikolas Ferreira veste peruca em plenário.



Fonte: Reprodução (2023).

Em um primeiro momento, faz-se preciso fragmentar, por questões meramente organizativas, cada um dos trechos para análise particular e, posteriormente, da unidade discursiva. O trecho acima foi retirado do discurso proferido na Câmara dos Deputados, em 2023, durante as comemorações do Dia Internacional da Mulher (8 de março).

A esquerda disse que eu não poderia falar porque eu não estava no meu lugar de fala. Então eu solucionei esse problema aqui [segura a peruca loira e a veste]. Hoje, eu me sinto mulher, Deputada Nicole (Ferreira, 2023).

O primeiro aspecto que se destaca na ordem enunciativa corresponde à ideia do lugar de fala, conceito popularizado a partir da obra *Lugar de Fala* (Ribeiro, 2017), a qual defende que os corpos dissidentes e subalternizados devem reivindicar discursivamente a compreensão de suas existências, e que esses corpos historicamente oprimidos não devem mais serem falados e pautados apenas por Outros - mas, sim, eles mesmos poderem falar e se pautarem, em um processo de disputa aos discursos hegemônicos que foram construídos historicamente sobre esses sujeitos, e não a partir desses sujeitos. O termo não limita nenhum indivíduo de falar sobre qualquer questão, mas evidencia que o lugar de fala não diz respeito ao silenciamento ou ao tolhimento do debate, mas sim reconhecendo que ao se discursar, fala-se a partir de determinado locus social, e que este influencia diretamente na forma como esse discurso será veiculado e do valor que ele receberá diante da sociedade.

É válido ressaltar que tal concepção está atrelada, sobretudo, ao feminismo negro, e reflete os saberes e discursos silenciados desse grupo, conforme Foucault, não se pode “pensar discurso como amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle” (1996, p. 56). Nesse sentido, ao reivindicar que sujeitos oprimidos historicamente possam também falar do seu *locus* social e produzir discursos, além de apenas veiculá-los, Ribeiro também fala da perspectiva das mulheridades* e das transgeneridades.

Sob esse arcabouço, é possível analisar o enunciado de Nikolas Ferreira enquanto um locus social diferente daquele ocupado por Erika e Duda, e que, em um certo grau, rejeita a compreensão de Ribeiro (2017), como se o discurso do deputado, obediente à homogeneidade, conseguisse coagular a multiplicidade de existências desviantes à norma, ao passo que atrela a concepção de *lugar de fala* como criação da esquerda - aqui, compreendendo-a como bloco político mais atrelado às pautas progressistas de gênero, raça e classe -, e que esse conceito seria utilizado para silenciá-lo, que coloca, inclusive, ser um obstáculo a ser superado, “esse problema”. Assim, o deputado se utiliza de chiste e ironiza quando veste a peruca loira e declara “Hoje, eu me sinto mulher, Deputada Nicole”.

A questão de gênero é bem demarcada no enunciado, e é perceptível a partir do sentir-se mulher e da flexão de seu nome Nikolas para Nicole - tradicionalmente, formas masculina e feminina, respectivamente, do mesmo nome. Assim, após reapresentar-se, o parlamentar acrescenta:

As mulheres estão perdendo seu espaço para homens que se sentem mulheres. E, para vocês terem ideia do perigo de tudo isso. Você podem perguntar: “Qual o perigo disso, Deputada Nicole?” Eu respondo, sabe por quê? Porque eles estão querendo colocar uma imposição de uma realidade que não é a realidade (Ferreira, 2023).

O enunciado, proferido no Dia da Mulher, pode ser encarado como um questionamento à identidade mulher, sobretudo institucionalmente, uma vez que o episódio se deu em uma tribuna, na Câmara dos Deputados, atuando como um ataque direto às mulheridades/feminilidades dissidentes que ocupam o mesmo ambiente, Duda Salabert e Érika Hilton. A disputa discursiva ocorre não apenas sobre a efeméride, mas também sobre a vivência e a atuação política dessas deputadas frente ao discurso binarista de gênero. Tal confronto pode ser percebido quando Nikolas afirma que, além de existir homens que se sentem mulheres, estes estão

supostamente cerceando o espaço das mulheres a partir da imposição de uma realidade que não existe, segundo o parlamentar - isso, enquanto reafirma seu suposto "lugar de fala" como mulher e deputada. Dessa forma, o deputado restringe o debate sobre gênero/sexo ao discurso essencialista biológico - que delimita o binômio mulher-vagina-feminino e homem-pênis-masculino e o impõe como normativa.

Sobre esse aspecto, o olhar do *Transfeminismo* (Nascimento, 2021) enfatiza "a existência de discursos que circulam socialmente, inclusive dentro do próprio feminismo, que pretendem determinar quem pode e quem não pode ser uma mulher" (p. 17). Aqui, a perspectiva de Nascimento propõe uma ruptura à noção discursivamente hegemônica de mulher - esta, atrelada à cisgeneridade e reproduzida no Congresso, Nascimento (2021, p. 22) complementa:

Ainda circulam discursos bioessentialistas que buscam condicionar o gênero aos aspectos anatômicos de diferenciação sexual. Por isso, ao engendrar esforços em fomentar a discussão sobre gênero por meio de alguns desdobramentos históricos, políticos e epistemológicos, procuro evidenciar a necessidade constante de desnaturalização dessa categoria para que possamos abarcar cada vez mais experiências de mulheridades e feminilidades, como as vivenciadas pelas mulheres transexuais e travesti.

No excerto acima, a pesquisadora faz um apanhado sobre as formações discursivas, bioessentialistas, conforme Nascimento (2021), que atrelam a categoria gênero aos aspectos anatômicos, desconsiderando os aspectos culturais, políticos, discursivos, epistemológicos e históricos que circundam e produzem os sentidos dos discursos, como se houvesse uma histórica única da sexualidade e do gênero. Nesse sentido, em sua genealogia, Foucault (1988) explicita que a sexualidade, e portanto o gênero, não são dadas por uma essência natural, mas sim enquanto fruto de uma construção social e histórica, articulada por discursos e práticas/tecnologias de poder.

Nesse mesmo compasso, Butler (2018) rejeita a diferenciação de sexo/gênero pois a atribui à crença essentialista de que o sexo é constituído naturalmente, de caráter pré-cultural. Ao passo que afirma isso, delimita corresponderem ambos a uma construção discursiva, e que, na realidade, são a mesma coisa - na perspectiva butleriana, sexo e gênero correspondem ao mesmo significante. Sob essa noção, desconstruir essa noção de mulheridade é também pôr-se contra a naturalização discursiva do feminino como "Outra" e do sujeito homem como universal. Tendo como referência Butler (2018), pode-se afirmar que, em contrapartida à fala do deputado Nikolas Ferreira, as mulheres não estão competindo com homens que se sentem mulheres, mas sim vivenciando mulheridades/feminilidades diferentes daquelas postas como norma a partir do viés bioessentialista, haja vista que ambos os discursos são produzidos e propagados histórico-culturalmente, ainda que um se materialize enquanto prática de exclusão e o outro de inclusão.

Ao suscitar o questionamento sobre o "ser mulher", Nikolas Ferreira também exerce um poder enquanto opressor - o qual, nas circunstâncias, é também institucionalizado. Tal poder pode ser compreendido enquanto disciplinar para os corpos dissidentes que fogem à regra cisheteronormativacolonial e hegemônica. Em *Discurso de ódio*, Butler (2021) questiona o motivo pelo qual um chamamento, no campo linguístico, produziria o medo como resposta, ao qual reflete que "ser

chamado não é meramente ser reconhecido pelo que já se é, mas sim ter a concessão do próprio termo pelo qual o reconhecimento da existência se torna possível" (p. 11).

O poder é agenciado, institucionalmente, por mecanismos que objetivam conservar a matriz cisheteronormativa, pautada em essencialismos sobre o que corresponde a gênero e a sexo - diferenciando-os discursivamente -, ainda que ambos sejam a mesma coisa.

O ser "mulher" é construído discursivamente, mediante a intersecção de convenções, hábitos e tradições, socialmente interceptadas. Sob a perspectiva binária, os símbolos atrelados ao caráter feminino não são biologicamente definidos, mas socialmente a partir das performances exercidas na conjuntura gênero-sexo, desafiando o essencialismo incutido nos discursos conservadores - os quais, por meio da preservação religiosa-biológica do binômio mulher-vagina-feminino e homem-pênis-masculino, exercem (bio)poder sobre as normas que regem todos os corpos.

Assim, sob a perspectiva butleriana, esse sujeito existe em razão do chamamento do Outro - chamamento esse costurado por relações de poder e saber e compreendido, também, como uma possível tecnologia de biopoder. O que, para Foucault (1995), "sujeito" é aquele "[...] sujeito a alguém pelo controle e dependência" (p. 235), ou seja, na ocidentalidade, o sujeito era pensado como produto dos sistemas de saber e das relações de poder, sendo, também, um enunciado social - um rótulo interpelado pelas técnicas de dominação (poder) e pelas técnicas discursivas (saber).

Desse modo, o questionamento de Butler (2021) se explica na ordem do poder-saber, em que esse enunciado, por razões históricas, sociais e culturais, provoca medo a partir de um possível poder disciplinar e/ou biopoder.

Nesse sentido, o discurso "Posso ir pra cadeia, deputado, caso eu seja condenado por transfobia. E por quê? Por que eu xinguei? Por que eu pedi pra matar? Não. Porque no Dia Internacional das Mulheres, há dois anos, eu parabeneizei as mulheres XX" (Ferreira, 2023), proferido por Nikolas representa, também, um enunciado capaz de amedrontar justamente pelas forças coercitivas que historicamente o compõem, como a perseguição a corpos dissidentes da normativa cisheterossexual. Pode-se afirmar que, assim como a existência e o fazer profissional-militante de Duda Salabert e Érika Hilton são constituídos, sobretudo, pelo corpo e pelo gênero/sexo em disputas - estes, por sua vez, construídos sobretudo discursivamente -, a linguagem que "pode sustentar o corpo, pode também ameaçar sua existência" (p. 11). Assim, quando o deputado questiona a

Assim, quando o deputado Nikolas Ferreira enuncia, a transfobia é materializada e exacerbada a partir, sobretudo, do locus discursivo que ocupa - um nicho hegemônico de fundamentalismos biológicos e essencialismos de gênero, aqui, referenciados a partir do "porque no Dia Internacional das Mulheres, há dois anos, eu parabeneizei as mulheres XX" (2023), que faz referência à biologia genética e que fortalece a dicotomia homem-pênis-masculino e mulher-vagina-feminino, desaguando em ataques constantes às identidades dissidentes de Érika e Duda. Então, a violência é efetivada pois "ela requer certas condições e um lugar de poder pelo qual seus efeitos performativos possam ser materializados" (Butler, p. 17, 2021). Nesse caso, as condições são históricas, culturais e sociais, e explicam as relações estabelecidas a partir do enunciado trabalhado.

4 AFINAL, QUEM PODE COMEMORAR O DIA DA MULHER?

No Congresso Nacional, o direito à comemoração do Dia da Mulher está em disputa, visto que no mesmo ambiente coexistem ideias inclusivas e excludentes, progressistas e reacionárias. Nesse sentido, a construção do discurso de Nikolas Ferreira, com viés essencialista, restringe a comemoração a um grupo específico de pessoas: mulheres cisgênero, excluindo, assim, outras possibilidades de existência dentro da titulação “mulher”.

Por sua vez, Érika Hilton, também deputada federal, constrói seu discurso sob uma perspectiva mais inclusiva, defendendo que todas as mulheres, independentemente de como elas sejam, se assumem a mulheridade, podem comemorar o Dia da Mulher. Nesse cenário, é válido destacar alguns trechos do discurso feito pela deputada, por meio de um vídeo no Instagram, no dia 8 de março de 2023:

Hoje celebramos nossas potências e a potência de todas as mulheres. “Mulher” não é uma palavra homogênea. “Mulher” tem suas particularidades, tem suas especificidades e todas juntas, unidas por um Brasil melhor, nos tornamos mais fortes. Viva a luta ancestral das mulheres negras, das mulheres indígenas, das mulheres trans e travestis, das mulheres lésbicas, bissexuais, das mulheres trabalhadoras do campo. Todas as mulheres, sem exceção de nenhuma mulher. Nenhuma mulher poderá ficar para trás na reconstrução de um país sem misoginia, sem discriminação de gênero [...]. Celebremos a nossa existência! Celebremos a nossa luta! Porque, a despeito do ódio e da violência, nós estamos de pé! [...] Feliz dia das mulheres, a todas as mulheres, sem exceção de nenhuma (2023, grifo nosso).

Sob essa perspectiva, pode-se afirmar que o discurso de Érika Hilton, ao afirmar que “mulher” não é uma palavra homogênea, mas que carrega multiplicidade de existências, alinha-se com o que preconiza o arcabouço teórico proposto por Nascimento (2021), que defende a desnaturalização do “ser mulher” enquanto categoria composta por um único elemento: mulheres cisgênero, que parte de uma formação discursiva fundamentalista. Dessa forma, a oposição a uma perspectiva bioessencialista, materializada no discurso de Érika Hilton, permite, por meio do discurso, que o Dia das Mulheres não seja um objeto de comemoração restrito a um nicho específico, mas que seja ampliado para alcançar a diversidade de corpos femininos. Essa visão desafia a ideia de que o gênero é dado por uma essência natural, alinhando-se à compreensão de Foucault (1988) e Butler (2018) de que a sexualidade e o gênero são frutos de construções sociais e históricas, articuladas por discursos e práticas de poder, e que sexo e gênero correspondem ao mesmo significativo em uma perspectiva butleriana.

Além disso, é válido frisar que o deputado Nikolas Ferreira se utiliza do conceito de “lugar de fala”, teorizado por Djamila Ribeiro, de maneira irônica e inadequadamente. Por sua vez, a deputada Érika Hilton, ao celebrar as múltiplas potências femininas e suas lutas ancestrais, indiretamente, defende que mulheres diferentes se apropriem de seus lugares de fala. Desse modo, percebe-se um contraponto entre esses dois discursos: este que foca em dar voz a todas as mulheres e aquele que objetiva cercear a multiplicidade de discursos de suas respectivas vivências.

Portanto, evidencia-se que o direito à comemoração ao Dia da Mulher ainda está no campo do embate discursivo dentro do Congresso Nacional. Enquanto Nikollas Ferreira e outros deputados conservadores defendem uma perspectiva essencialista e excludente, sobretudo para mulheres transexuais, alegando o direito a essa comemoração a um grupo restrito de mulheres, outras mulheres, como Érika Hilton, partem de uma premissa distinta: a da inclusão.

Nesse sentido, para a deputada, o 8 de março não é apenas uma data de uma comemoração qualquer, mas um símbolo de resistência da luta histórica das mulheres por igualdade e, por isso, ela defende a resignificação dessa data, por meio da ampliação de possibilidades de comemoração, levando em consideração os múltiplos atravessamentos que podem existir no “ser mulher”: transgeneridade, lesbianidade, bissexualidade, racialidade e campesinato. Logo, ao afirmar que “nenhuma mulher poderá ficar para trás na reconstrução de um país sem misoginia, sem discriminação de gênero”, Érika Hilton desafia a lógica cisheteronormativa e essencialista, aqui representada por Nikolas Ferreira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa traçou, por meio do discurso do deputado Nikolas Ferreira, uma compreensão do que se tem relacionado à identidade mulher na Câmara dos deputados, observando a partir da perspectiva transfeminista, o tratamento recebido às questões de gênero no Brasil, sobretudo no tocante às transgeneridades.

É perceptível, dessa forma, a presença de uma discursividade predominante no país que se apropria de discursos bioessentialistas para promoverem e veicularem discursos, e, conseqüentemente, práticas de perseguição às vivências dissidentes à cisnormatividade. Assim, ao passo que nega a existência de uma pluralidade de mulheridades e violenta simbolicamente àquelas que não se encaixam na categoria, legítima que existe também um ideário a ser seguido: a da mulher cisgênero. Institucionalmente, foi apenas em abril de 2025 que Nikolas foi condenado apenas a pagar R\$ 200 mil reais pela violação ocorrida, apesar desta ser reconhecida desde 2023 como falta enquadrada como crime de injúria racial.

Assim, o respaldo que o deputado recebe ao ter um tratamento brando relativo ao crime comprova a institucionalidade do (bio)poder quando este age sobre corpos dissidentes e os questiona a existência. O enunciado proferido na Câmara explicita as relações que se estabelecem entre as corporalidades, o discurso e as tecnologias de poder e de resistência que são impulsionadas. Em contrapartida, a resposta de Érika, assumindo um discurso plural e inclusivo, carrega consigo os valores fortalecidos nos movimentos feministas diversos e interseccionais, evidenciando o locus enunciativo ocupado por Érika e Duda: mulheres trans e travestis que desafiam a normativa hegemônica e restritiva de gênero/sexo.

Por fim, tem-se a constatação de que, assim como outras efemérides, o Dia da Mulher, em 8 de março, é um campo de disputas discursivas, intrincado de discursos das mais variadas ordens e que expressa e materializa o atravessamento de aspectos culturais, sociais e históricos na compreensão do que é gênero/sexo e da binariedade reforçada por alguns grupos. Não somente, mas tal atravessamento justifica, também, a disputa sobre o lugar de fala hegemônico e sobre as identidades diversas, sobretudo ao que concerne às mulheridades/feminilidades.

REFERÊNCIAS

AFIUNE, Giulia. Duda Salabert: “Quando uma travesti é eleita, a sociedade inteira avança” [entrevista]. **Agência Pública**, 5 ago. 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/08/duda-salabert-quando-uma-travesti-e-eleita-a-sociedade-inteira-avanca/>. Acesso em: 02 jul. 2025.

AGÊNCIA O GLOBO. Nikolas Ferreira usa peruca para fazer discurso transfóbico em Dia da Mulher na Câmara [notícia]. *O Globo*, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/03/nikolas-ferreira-usa-peruca-para-fazer-discurso-transfobico.ghtml>. Acesso em: 01 jul. 2025.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Trad. de Veronica Dominelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 Edições; Crocodilo edições, 2018.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

G1. Duda Salabert é a primeira deputada federal trans da história de Minas Gerais [notícia]. **G1 Minas Gerais**, 3 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2022/noticia/2022/10/03/duda-salabert-e-a-primeira-deputada-federal-trans-da-historia-de-minas-gerais.ghtml>. Acesso em: 02 jul. 2025.

HILTON, Erika [@hilton_erika]. 8 de março: Nenhuma mulher fica para trás! [Reel no Instagram]. **Instagram**, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CpiRGJNAHqJ/>. Acesso em: 03 jul. 2025

METRÓPOLES. No Dia da Mulher, Nikolas Ferreira faz discurso transfóbico na Câmara [vídeo]. **YouTube**, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t2llpuO_DK8>. Acesso em: 22 maio. 2025.

MIGALHAS. **Nikolas Ferreira é condenado por discurso transfóbico na Câmara**. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/quentes/429369/nikolas-ferreira-e-condenado-por-discurso-transfobico-na-camara>>. Acesso em: 1 ago. 2025

NASCIMENTO, Leticia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Transfeminismo**. São Paulo: N-1 Edições; Séries Pandemia, 2018.

POLÍTICO, J. **Nikolas Ferreira usa peruca para fazer discurso transfóbico**.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017

SALABERT, Duda. Sobre minha transição de gênero. [Publicação no *Facebook*]. **Facebook**, 4 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DudaSalabert/posts/712726075880297/>>. Acesso em: 02 jul. 2025.

TERRA. “Eu fui menino aos olhos do outro”, afirma Erika Hilton sobre ser trans [entrevista]. **Terra**, 22 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/nos/paradasp/eu-fui-menino-aos-olhos-do-outro-afirma-erika-hilton-sobre-ser-trans,d4db478996c06ea7c7c60a38da9c109daa457vmr.html>>. Acesso em: 02 jul. 2025.

Recebido: 05/09/2025

Aceito: 11/12/2025

Publicado: 26/03/2026

COMO CITAR:

FERREIRA, Lorena de Miranda; DUARTE, Benjamim Lopes; MELO, Levir Ezequias Neres de; AZEVEDO, Marcos Paulo de. As disputas discursivas em torno do 8 de março: as transgeneridades e o fundamentalismo religioso no Congresso Nacional Brasileiro. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 11, n. 1, p. 15–27, 2026. DOI: 10.59776/2357-8203.2026.7471. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/7471>.